

## **Devir-educador: vozes multiespécies a fabular (n)a educação**

***BECOMING-EDUCATOR: VOICES MULTIESPECIES TO FABULAR (IN) EDUCATION***

***DEVENIR-EDUCADOR: VOCES MULTIESPECIES PARA LA (IN)EDUCACIÓN  
FABULAR***

Laís de Paula Pereira\* y Élide Santos Ribeiro\*\*1

**laisbiouff@gmail.com**

### **Resumo**

Vivemos numa civilização de humanos muito humanos que segue há séculos sufocando em todo o mundo o que subsiste de outras culturas e seres; que ao impor um modelo de sociedade, homogeneiza narrativas, corpos, vozes, povos. Dada a cosmovisão ocidental e a noção de funcionalidade que permeia a epistemologia moderna, nos perguntamos qual a *função* de contar mais uma história e buscamos pensar a participação ativa que temos nas construções narrativas que promovemos e disseminamos. A proposta do presente artigo é criar interseções com potências criativas entre o processo *devir-educador* e a fabulação (Deleuze, 1993), de modo a fazer sobrevir uma educação que se pretenda inventiva, criativa e *comum* (Stengers, 2015). Para tanto, convidamos educadores a se abrirem para uma educação-invenção esvaziada de certezas que se deixa afetar e ser afetada por vozes multiespécies dissonantes. A partir de uma breve discussão a respeito dos processos de produção de realidades no fazer educativo *com* a fabulação, bem como de entrelaçamentos com narrativas ameríndias, colocamos em suspeição as formas recorrentes de vermos e falarmos das práticas educativas para estimularmos pensamentos e práticas que irrompam narrativas menores. Buscamos, com isso, tensionar não só a noção de funcionalidade que permeia a epistemologia moderna, mas também as fronteiras entre humanos e não-humanos, fazendo sobrevir as coordenações históricas e as paisagens que temos co-criado. Portanto, fabular um povo por vir *com* Ailton Krenak (1992; 2019; 2020), Daniel Munduruku (2001), Davi Kopenawa (2015), com a montanha, pássaros, ventos (...); descolonizar neste hoje nossos pensamentos, práticas e, principalmente, nossos afetos desde as relações afetivas multiespécies que temos engendrado. Afinal, o que é entrar em comunicação com o que há em nós de planta, bicho, floresta, água, indígena, criança? Aqui seguimos uma pista: tornar-se passagem, estar em processo, entender-se

---

1\* Universidade Federal Fluminense

\*\*Universidade Federal do Rio de Janeiro

inacabado, encontrar outrem, descolonizar(-se).

**Palavras-chave:** Devir-educador, Relações multiespécies, Fabulação, Descolonização, Perspectivismo ameríndio

### **Abstract**

*We live in a civilization of very human humans that has continued for centuries to suffocate what remains of other cultures and beings throughout the world; that by imposing a model of society, it homogenizes narratives, bodies, voices, peoples. Given the western cosmology and the notion of functionality that permeates modern epistemology, we ask ourselves what the function of telling another story is and we seek to think about the active participation we have in the narrative constructions that we promote and disseminate. The purpose of this article is to create intersections with creative potentialities between the becoming-educator process and fabulation (Deleuze, 1993), in order to bring about an education that intends to be inventive, creative and common (Stengers, 2015). To this end, we invite educators to open themselves to an education-invention emptied of certainties that allows itself to be affected and affected by dissonant multispecies voices. From a brief discussion about the processes of production realities in educational practices with fables, as well as intertwining with Amerindian narratives, we put into question the recurrent ways of seeing and talking about educational practices to stimulate thoughts and practices that erupt narrative minors. We seek, with this, to tension not only the notion of functionality that permeates modern epistemology, but also the borders between humans and non-humans, bringing to light the historical coordinations and landscapes that we have co-created. Therefore, fable a people to come with Ailton Krenak (1992; 2019; 2020), Daniel Munduruku (2001), Davi Kopenawa (2015), the mountain, birds, winds (...); decolonize today our thoughts, practices and, above all, our affections form the multispecies affective relationships that we have engendered. After all, what does it mean to enter into communication with what is in us as plant, animal, forest, water, indigenous, child? Here we follow a lead: becoming a passage, being in process, understanding oneself as unfinished, finding someone else, decolonizing oneself.*

**Keywords:** *Becoming-educator, Multispecies relationship, Fabulation, Decolonization, Amerindian perspectivism*

### **Resumen**

*Vivimos en una civilización de humanos muy humanos que ha seguido durante siglos asfixiando en todo el mundo lo que queda de otras culturas y seres; que intenta imponer un modelo de sociedad que homogeniza narrativas, cuerpos, voces, pueblos. Dada la cosmovisión occidental y la noción de funcionalidad que permea la epistemología moderna, nos preguntamos cuál es la función de contar una historia más y buscamos pensar en la participación activa que tenemos en las construcciones narrativas que promovemos y difundimos. El propósito de este artículo es generar intersecciones con poderes creativos entre el proceso de devenir-educador y la fabulación (Deleuze, 1993), con el fin de lograr una educación que apunte a ser*

*inventiva, creativa y común (Stengers, 2015). Para ello, invitamos a los educadores a abrirse a una educación-invencción vaciada de certezas que se deja afectar y afectar por voces disonantes multiespecies. A partir de una breve discusión sobre los procesos de producción de realidades en las prácticas educativas con la fabulación, así como su entrelazamiento con las narrativas amerindias, sospechamos las formas recurrentes de ver y hablar de las prácticas educativas con el fin de estimular pensamientos y prácticas que irrumpen narrativas menores. Buscamos, con esto, tensionar no sólo la noción de funcionalidad que permea la epistemología moderna, sino también las fronteras entre humanos y no humanos, sacando a la luz las coordinaciones históricas y las paisajes que hemos co-creado. Por tanto, fábula un pueblo por venir con Ailton Krenak (1992; 2019; 2020), Daniel Munduruku (2001), Davi Kopenawa (2015), la montaña, los pájaros, los vientos (...); descolonizar hoy nuestros pensamientos, prácticas y, sobre todo, nuestros afectos a partir de las relaciones multiespecies que hemos engendrado. Después de todo, ¿qué significa entrar en comunicación con lo que hay en nosotros de planta, animal, bosque, agua, indígena, niño? Aquí seguimos una pista: es convertirse en pasaje, estar en proceso, entenderse como inacabado, encontrar a otro, descolonizarse.*

**Palabras-clave:** *Devenir-educador, Relaciones multiespecies, Fabulación, Descolonización, Perspectismo amerindio*

### **Dos começos ou Tempos entrecruzados**

[...] sempre experimentei um interesse afetuoso e, às vezes, uma paixão pela voz humana, ou mais, pelas vozes, porque elas são por natureza particulares e secretas (Zumthor, 2018, p. 14).

Vozes. Vibrações que dançam pelos ares e tocam cada superfície que encontram pelo caminho. Que fazem vibrar junto, que ensinam vibrações outras, que encontram descompassos e compassos. Vozes com cadências únicas, ímpares, particulares, mas que encontram pares, ressoam e ecoam por diversos cantos. Vozes dissonantes que por vezes sussurram e tantas outras gritam. Vozes querendo ser ouvidas e querendo fazer ouvir.

Escrever este texto é declarar nosso interesse afetuoso pelas vozes em devir. Vozes multiespécies. Vozes que não podem ser determinadas por modelos de representação e não estão fixadas no espaço - num mapa e num papel - tampouco no tempo - num relógio que determina a temporalidade *cronos*. Vozes que se abrem à temporalidade *aion* (Deleuze & Guattari, 1995-1997) e, assim, à abstração dos tempos que se entrecruzam: passado, presente e futuro.

*Fazia pouco tempo que o mundo era mundo e que as garras da onça ainda não haviam crescido e já reinava a insatisfação. E isso porque a noite nunca chegava [...].<sup>2</sup>*

---

<sup>2</sup> Trecho da história (adaptada por nós) do livro *As serpentes que roubaram a noite: e outros mitos*, de Daniel Munduruku (2001). Outros trechos dessa história aparecerão ao longo do texto - em itálico - como alegorias do entrelaçamento de vozes, imagens e fabulações que ora propomos.

Inspiradas pelo texto *Antes, o mundo não existia*, do líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro Ailton Krenak (1992), buscamos aqui fazer emergir no campo da educação vozes não datadas, aquelas que contam e cantam com as coisas, os animais, os ventos, as montanhas, os rios; e, então, dar a ver, ouvir e sentir com essa gente que reverencia, que dá sentido às coisas sagradas, que espera o vento nas folhas das árvores para ver se ele ensina uma cantiga nova. Essa gente que tem outra forma de se relacionar com o mundo e as coisas, que nos leva a novos *agenciamentos* já não mais restritos à uma ordem capitalística, a qual atua na produção de subjetividades - de um 'si', um modo de existir - e que

(...) fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro - em suma, ela fabrica a relação do homem [ser humano] com o mundo e consigo mesmo. (Guattari & Rolnik, 1996, p. 42)

A nossa proposta com essa escrita é criar interseções com potências criativas entre o processo *devir-educador* e a fabulação (Deleuze, 1993), de modo a fazer sobreviver uma educação que se pretenda inventiva, criativa e *comum*, que rompa tanto quanto possível com a lógica de uma excepcionalidade humana. O conceito de comum aqui utilizado é baseado nas ideias de Isabelle Stengers no livro *No tempo das catástrofes* (2015). Para a filósofa da ciência, os modos de resistência passam pela ideia de conexões capazes de barrar a criação de novos cercamentos (*enclosures*) e resistir a capturas do "comum" - o "bem comum", aquilo capaz de "fazer comunidade", construir vias de pertencimento - sem cair na ideia de um "mundo comum" unívoco. Assim, convidamos os educadores a se abrirem para uma educação-invenção esvaziada de certezas e que se deixa afetar e ser afetada por vozes dissonantes e, portanto, por vozes que ressoam relações multiespécies que nos co-constituem. A partir de uma breve discussão a respeito dos processos de produção de realidades no fazer educativo *com* a fabulação, colocaremos em suspeição as formas recorrentes de vermos e falarmos das práticas educativas para estimularmos pensamentos e práticas descolonizadoras que irrompam narrativas e modos de existências que nos contem histórias outras sobre um jeito dito certo, verdadeiro e único de estar na Terra.

### **Ser radicalmente vivo ou Da coragem de devir-outrem**

Não há reverência, não existe o sentido das coisas sagradas. Eu fiquei com medo. Eu fiquei pensando: e agora? (...) Fiquei muitos dias sem graça até que eu ganhei um sonho. (...) sonho de verdade é quando você sente, comunica, recupera a memória da criação do mundo onde o fundamento da vida e o sentido do caminho do homem [e da mulher] no mundo é contado para você (Krenak, 1992, p. 203).

Quanto espaço te ocupa na vida o desejo de ouvir uma história? Quando encontramos alguém que não vemos há muito, e perguntamos sobre sua vida, a pergunta se dirige especialmente à ocupação atual, talvez ao lugar onde se vive

então, ou a outros marcos operacionais. Quando foi que alguém já te perguntou o que tem te entusiasmado, com o que você tem sonhado? Quando foi que alguém te perguntou quais os mundos e as paisagens que você tem criado ou as relações afetivas que tem estabelecido com pessoas, bichos, plantas, montanhas? Interessa ouvir notícias, informações, fórmulas e conteúdos, receitas. O que buscamos ouvir e dizer tem tratado de se pautar a partir de leis de oferta e procura. Qual é a *função* de ouvir ou contar histórias? Pra que *serve*? Com estas perguntas incipientes buscamos tensionar não só a noção de funcionalidade que permeia a epistemologia moderna, mas também as fronteiras entre humanos e não-humanos, dando a ver as paisagens que temos co-criado e as possibilidades de remundiar - fazer mundo de outro modo confluindo interesses que não são os mesmos (Stengers, 2015) - fora do pressuposto da excepcionalidade humana que tem orientado a humanidade de humanos muito humanos. Inspiradas em Tsing (2019), no seu livro *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*, pensamos as paisagens enquanto reunião multiespécie, práticas das possibilidades de convivência, ou seja, assembleias trabalhando em coordenações dentro de uma dinâmica histórica. E por história a autora se refere aos rastros e sinais de humanos e não-humanos e, por coordenação, à uma lente para observar os organismos interagirem uns com os outros, o que “nos permite reconhecer as ontologias incomensuráveis de vários seres ao mesmo tempo que se observa os devires que eles proporcionam em seus encontros” (Tsing, 2019, p. 148).

No capítulo 3 do livro, intitulado *Strathern além dos humanos: testemunhos de um esporo*, Tsing irrompe o espanto produzido a partir da narração do inventado testemunho de um esporo fúngico – durante sua viagem pelo ar, a partir de um cogumelo até ser fecundado por outro, flutuando com o vento, entre paisagens, travessias, oceanos. Tendo em vista o caráter insólito dessa narração, provoca hesitação, um certo estado de choque, na mesma medida em que abre caminhos epistemológicos. Utilizando um recurso stratherniano<sup>3</sup> de “analogias culturais”, a autora diz usar “fatos científicos” para causar perturbações no já sabido, ou em verdades e certezas estabelecidas, que proponham outros mundos possíveis. Agregando comparações que querem se liberar de ser “razoáveis e apropriadas” (Tsing, 2019, p. 70), a autora faz emergir questões como a da liberdade e intencionalidade de não-humanos, colocando que, por exemplo, os fungos não são previsíveis, ao povoar cada espaço com distintos padrões, o que poderia ser considerado uma forma de criar ou inovar, para além da crença de que não-humanos seriam autômatos ou seres repetidores de comportamentos intraespecíficos ou ações pré-programadas. Na comparação com a rotina repetida do ser humano contemporâneo, em tantos cotidianos de certa forma previsíveis e exíguos de espaço para a invenção, criação e fugas do esperado, ela nos faz pensar em quem é autômato e quem é autodeterminado. Mais do que isso: “como os humanos podem agir como uma força autônoma se o nosso ‘nós’ inclui outras espécies que fazem de nós quem somos?”<sup>4</sup> (Tsing, 2019, p. 73). Mais adiante, a autora nos convida a questionar a

---

<sup>3</sup> A autora refere-se a diversas obras da antropóloga britânica Marilyn Strathern, especialmente o conceito de comparação-reificação e analogias culturais.

<sup>4</sup> Anna Tsing, no referido trecho, apoia-se na comparação de árvores com vilosidades intestinais, indicando que, assim como as raízes possuem relação simbiótica com os fungos

razão como o critério suficiente ou satisfatório para tomar a questão da liberdade e da indeterminação em “agregados multiespécies”.

Razão esta que nos impossibilita descrever as dimensões internas de cosmologias não ocidentais. Viveiros de Castro (2018), ao tratar do perspectivismo ameríndio, faz uma dobra no pensamento ocidental: enquanto o sujeito (cultura), visto como insuficientemente analisado, toma a forma do universal, o objeto (natureza), que está posto, toma a forma de um sujeito incompletamente interpretado. Esta revisão coloca em regime de variação a estrutura da nossa imaginação conceitual, tornando-a sensível à criatividade e reflexividade inerentes à vida de todo coletivo, humano e não-humano. Desde a cosmovisão ocidental, nossas lentes têm encarado a vida buscando a função das coisas, vamos ao encaixe de algo ou de alguém orientados pela utilidade da coisa, suas possibilidades de uso, seja em coisa, em bicho, em pessoa, em narrativas. O funcionalismo moderno assenta suas bases nessa busca por um fim ou uma função para cada situação ou ser que encontra, um *objetivo geral ou específico*, uma salvação temporária, uma satisfação de necessidades produzidas. Essa insistência na função acompanha a lógica aristotélica segundo a qual a função ordenaria a evolução - da necessidade de enxergar é que teria surgido o olho, por exemplo<sup>5</sup>. Essas histórias têm embalado nossas vidas e nossos sonhos, contudo, não nos inspiram a sonhar.

E, assim, o modo de vida contemporâneo, o excesso de informações, a transformação constante e acelerada das mídias seguem nos convocando a dar respostas imediatas e assumir o papel de sujeitos informantes e informados que, depois de sentirem-se munidos de informação, entendem-se no direito e no dever de opinar (Larrosa, 2002). Esse papel de informantes nos torna protagonistas das realidades que criamos. Nesse sentido, temos participação ativa nas construções narrativas que promovemos e disseminamos, o que não significa dizer que fomos tocados e afetados pelo que narramos, tampouco que somos os únicos seres que fazem parte dessas histórias. Muitos são os protagonistas possíveis das tantas histórias, não só os humanos. Faz-se necessário, portanto, rompermos com o pressuposto de uma natureza a-histórica e a-política.

[...] Felizmente, um belo dia, os índios descobriram quem havia escondido a noite: as serpentes! Então, os líderes indígenas organizaram uma reunião para ver quem iria falar com as serpentes para que elas libertassem a noite. Karu Bempô, o mais valoroso dos guerreiros indígenas, foi até a serpente e lhe ofereceu um arco e flecha em troca da noite [...].

Ailton Krenak (1992) tece diversas críticas à ontologia ocidental, ofertando a maneira de a cosmologia indígena se relacionar com seu território e com suas

---

(micorriza), em que ambos se alimentam mutuamente, também seres humanos precisam de sua microbiota intestinal para se alimentarem, em evolução conjunta.

<sup>5</sup> Ver VINTE MIL LÉGUAS: Um novo estoque de metáforas, pt. I. Entrevistado: Pedro Paulo Pimenta. Entrevistadoras: Leda Cartum e Sofia Netrovski. Associação Quatro Cinco Um, 14 set. 2020. Podcast. Disponível em: <<https://www.quatrocincoum.com.br/br/podcasts/vinte-mil-leguas/um-novo-estoque-de-metaforas-pt-i>>. Acesso em: mai. 2021.

narrativas: segundo ele, enquanto na tradição indígena fazem-se cerimônias para uma montanha, perscruta-se seu humor ou o que diz sobre a atmosfera, sobre o clima, sobre o tempo,..., na cultura ocidental tende-se a investigar a mesma montanha pela possibilidade de encontrar minérios, por sua possível rentabilidade; enquanto os primeiros auscultam o vento como aprendizes, ou cantam para um rio, os últimos espreitariam o mesmo rio calculando a possibilidade de fazer uma usina hidrelétrica ou construir barragens.

*A vida não é útil*, anuncia Krenak desde o título de uma de suas obras (2020). A vida, segundo ele

[...] é uma dança, só que uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária. Uma biografia: alguém nasceu, fez isso, fez aquilo, cresceu, fundou uma cidade, inventou o fordismo, fez a revolução, fez um foguete, foi para o espaço; tudo isso é uma historinha ridícula. Por que insistimos em transformar a vida em uma coisa útil? Nós temos que ter coragem de ser *radicalmente vivos*, e não ficar barganhando a sobrevivência (Krenak, 2020, pp. 108-109, destaque nosso).

Ser radicalmente vivos inclui deixar-se afetar; aumentar a nossa potência de pensar, agir, contaminar, encantar, encontrar e devir. Inclui permitimo-nos as diferentes associações ao ponto de nos diferirmos de nós mesmos - “é a coisa ela própria que passou a ser percebida como múltipla” (Latour, 2012, p. 116). E, aqui, operamos com o conceito de multiplicidade cunhado por Deleuze, sendo este um sistema formado por uma modalidade de síntese relacional - diferente de uma conexão de termos, coisas, seres - que não tem a semelhança ou a identidade como causa (formal ou final), mas a divergência ou a distância. Um outro nome deste modo relacional é “devir”, é o movimento da diferença como tal, diferença positiva antes que opositiva, indiscernibilidade de heterogêneos antes que conciliação de contrários (Danowski & Viveiros de Castro, 2017)

A ideia mais profunda em Deleuze é talvez esta: que a diferença é também comunicação e contágio entre heterogêneos; que, em outras palavras, uma divergência não surge jamais sem contaminação recíproca dos pontos de vista. [...] Conectar é sempre fazer comunicar os dois extremos de uma distância, mediante a própria heterogeneidade dos termos (Deleuze, 2004, p. 99 *apud* Viveiros de Castro, 2017).

Como podemos colocar em pleno funcionamento uma educação múltipla? Como devir-educador tendo como solo fértil as narrativas decoloniais e multiespécies? Primeiramente, somos instigadas a pensar como temos deixado (sobre)viver essas narrativas no campo da educação, no chão das escolas e fora delas, e as suas coordenações históricas. Elas têm vivido ou sobrevivido “a duras penas”? A vida pede mais do que simplesmente sobreviver, “sobreviver é muito pouco, e muito pouco pode ser um nada de vida” (Godoy, 2008, p. 77). Esse nada de vida e essa barganha à qual estamos submetidos têm sido substrato (puído) para os discursos desanimados produzidos e reproduzidos no campo da educação. Se não for útil, não serve. Se não for rápido, dinâmico, algo que desenvolva habilidades e

competências, não cabe. E as tantas vidas e modos de existência, cabem? Será que, diante desse cenário, é possível produzirmos fissuras nos discursos utilitaristas, informativos, midiáticos e, a partir da nossa capacidade de experimentação do real e da nossa imaginação conceitual, criarmos narrativas disruptivas, mais inventivas, fabuladoras, encarnadas? Mas como fazer sobrevir essa multiplicidade de narrativas e fabular (n)a educação? Temos seguido uma pista: e se começássemos perguntando quais são os sonhos, os sentimentos, os afetos, as histórias, as invenções, as viagens, as imagens, as percepções, os sentidos, as realidades, os acontecimentos, as relações, que queremos transbordar e às quais ambicionamos nos associar?

É preciso colocar sob suspeita o nosso *modus operandi* de humanos muito humanos e abrir brechas para pensarmos uma educação que nasce nas ruínas de uma política da aceleração e da morte. Vale ressaltar que a incursão em pesquisas decoloniais e multiespécies, as quais fazem sobrevir vozes e corpos outros, possibilita pegarmos linhas de fuga e lançarmos outros olhares para nossos pensamentos ecológicos, as nossas relações afetivas multiespécies e o nosso processo devir-educador. É preciso regar e adubar formas heterogêneas de relação com o mundo e seu caráter contingente, de modo a nos aliarmos a partir de uma corrente partidária de uma ecologia política do ralentamento. Para Danowski e Viveiros de Castro (2017), o *ralentissement* cosmopolítico de Isabelle Stengers (2015) seria a condição de uma frenagem da economia mundial, de uma reorientação profunda do modelo de evolução tecnológica das “forças produtivas” e de uma conversação diplomática com os povos humanos e não-humanos. Essa perspectiva traz à tona a necessidade de “abrir espaço para os outros” [*fair ela place aux autres*], abrir os olhos e os ouvidos de modo a vermos e ouvirmos os coletivos-sujeitos que permanecem outros com suas inumeráveis entidades, linhagens e socialidades, à margem da economia política da aceleração, contudo diretamente afetados por ela.

Mesmo com todas as críticas a essa economia aceleracionista, o líder indígena nos alerta a respeito da possibilidade e potência que essa humanidade, cada vez mais ocidentalizada e tecnológica, possui de “lembrar da memória comum” que os humanos têm da criação do mundo (Krenak, 1992). Memória comum que, para além de livros, acervos e histórias, conta, canta, inventa, narra e, portanto, cria mundos. Ou, como diria Latour (2020, p. 443), “Não [cria] outro mundo, mas o mesmo mundo apreendido de *um modo radicalmente novo*.” Contudo, como é possível falarmos de memória - que remete ao que está fixo num tempo passado - e a criação de algo novo - por vir - ao mesmo tempo?

[...] *Em troca de noites mais longas a serpente disse que todas as serpentes queriam uma jarra cheia daquele veneno que o povo colocava nas flechas. Elas queriam o veneno pois se consideravam pequenas e fracas. Karu Bempô aceitou a proposta e, em troca do veneno, a serpente lhe entregou um saco de couro com a noite dentro. Ao chegar na aldeia, a onça, ansiosa por uma noite inteira, abriu o saco antes do combinado, o que fez o dia cair cedo demais. Na escuridão, as serpentes adentraram a jarra de veneno e tomaram mais veneno do que o prometido [...].*

Entoando a intelectual e ativista boliviana, de origem Aymara, Silvia Rivera Cusicanqui (2010), cabe refletir que em uma cosmovisão que não valida a linearidade temporal não há a cisão entre passado-presente-futuro, o presente



comporta o futuro e o passado:

A experiência da contemporaneidade nos compromete com o presente – *aka pacha* – e por sua vez contém em si mesma sementes do futuro que brotam do fundo do passado – *qhip nayr uñtasis sarnaqapxañani*. O presente é cenário de pulsões modernizantes e às vezes arcaizantes, de estratégias preservadoras do *status quo* e de outras que significam a revolta e a renovação do mundo: o *pachakuti* (Rivera Cusicanqui, 2010, p. 55, tradução livre do espanhol).

Desse ponto de vista, o passado está adiante, como um farol a orientar a caminhada - sendo que viver e caminhar são acepções de uma mesma palavra, *kamsaña* (Cacopardo, 2018<sup>6</sup>). É pensar um tempo de onde se sai e para onde se volta, atualizado (Krenak, 1992). Essa ativação do passado como algo que está diante de nós, a visão de tempo não linear, parecem ser invenções de outros (quase-humanos?), algo que não pertenceria à razão ou à ciência, distante em algum lugar do tempo ou do espaço, onde não se conseguia (ou não se consegue), *ainda*, pensar logicamente. Assim, a busca por assimilar essas visões nômade de conceber o tempo e a memória requer esforços e movimentos. Não são visões de mundo disponíveis para uso-e-descarte. Fazer encarnar essas epistemologias menores é esgarçar os parâmetros acostumados.

Quando eu vejo as narrativas, mesmo as narrativas chamadas antigas, do Ocidente, as mais antigas, elas sempre são datadas. Nas narrativas tradicionais do nosso povo, das nossas tribos, não tem data, é quando foi criado o fogo, é quando foi criada a Lua, quando nasceram as estrelas, quando nasceram as montanhas, quando nasceram os rios. Antes, antes, já existe uma memória puxando o sentido das coisas, relacionando o sentido dessa fundação do mundo com a vida, com o comportamento nosso, com aquilo que pode ser entendido como jeito de viver. Esse jeito de viver que informa a nossa arquitetura, nossa medicina, a nossa arte, as nossas músicas, nossos cantos (Krenak, 1992, p. 202).

“Lembrar da memória comum”, uma frase aparentemente redundante que mais parece um desvio de escrita. Afinal, já não seria a própria memória algo que deveríamos lembrar? Ou ao contrário, lembramos somente o que temos na memória? Memória e lembrança estariam naturalmente imbricados? Nossa intenção não é adentrar e analisar os debates em torno do conceito de memória, mas pensá-lo desde um desvio aos clichês e o seu encontro com a fabulação (Deleuze, 1993) como abordagem narrativa possível no campo da educação. Uma linha de fuga que vislumbramos é tomar as *Memórias inventadas* de Manoel de Barros como referência e fazer ruir a ideia de que a memória é algo da ordem do não inventado e invenção é algo da ordem da des-memória (Kohan, 2004). Romper com o que temos chamado comumente de memória nos faz acreditar que não há memória (inventada) que não seja potencial fabulação, experimentação do real. À vista disso, a memória inventada sob a ótica da fabulação alarga e entrecruza os tempos; se faz no processo de devir; potencializa as ancestralidades como um “contínuo, uma pujança vital e

<sup>6</sup> O referido trabalho consiste em uma entrevista de Silvia Cusicanqui a Ana Cacopardo.

um efeito de encantamento contrário à escassez incutida pelo esquecimento” (Rufino, 2019, p. 25). E, do lugar de onde miramos, esse contínuo do qual trata Rufino não diz do que se conserva - imutável, permanente e intacto na linha do tempo *cronos* -, mas do que se cria e trans-forma continuamente *com* as vozes vivas que insistem em performatizar discursos e re-criar memórias diante da amnésia imposta pelo capitalismo cognitivo.

Compete à função fabuladora inventar um povo. Não se escreve com as próprias lembranças, a menos que delas se faça a origem ou destinação coletiva de um povo por vir ainda enterrado em suas traições e reneгаções (Deleuze, 1993, p. 14).

Partindo da leitura do enxerto acima, arriscamos dizer que a “memória comum” vai ao encontro da invenção de “um povo por vir” (Deleuze; Guattari, 1997a), o qual contribui para a criação de um *comum* (também) por vir. Um comum multiespécies (Tsing, 2019), que abre espaços, caminhos, escutas e olhares para outras vozes, outros seres - não-humanos, sub-humanos, quase-humanos (Krenak, 2019) - trazendo à tona narrativas, perspectivas e pensamentos que habitam outros modos de existência. Essas fabulações podem ser encontradas, por exemplo, em diversos livros, textos e histórias cantadas e contadas por líderes e autores indígenas (Munduruku, 2001; Kopenawa, 2015; Krenak, 1992; entre outros) ou autores que, inspirados pelo perspectivismo ameríndio (Viveiros de Castro, 2018; Stigger, 2015; entre outros), fabulam com essa gente que escuta, conversa e se faz com as plantas, os animais, as montanhas, as águas, os ventos e as florestas.

Tem uma montanha rochosa na região onde o rio Doce foi atingido pela lama da mineração. A Aldeia Krenak fica na margem esquerda do rio, na direita tem uma serra. Aprendi que aquela serra tem nome, Takukrak e personalidade. De manhã cedo, de lá do terreiro da aldeia, as pessoas olham para ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é melhor ficar quieto. Quando ela está com uma cara tipo “não estou para conversa hoje”, as pessoas já ficam atentas. Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: “Pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser” (Krenak, 2019, p. 17-18).

Como nos conta Ailton Krenak, seu povo fabula com as montanhas, assim como diversas outras etnias indígenas de diferentes lugares do mundo fabulam com o que comumente chamamos de natureza, elementos da natureza, animais/fauna, plantas/flora etc. A questão que Krenak nos coloca a esse respeito é: “Por que essas narrativas não nos entusiasmam? Por que elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para a gente?” (2019, p. 19). Isso nos faz pensar como a história única, utilitarista, desencarnada de experiência e força vital, segue ofuscando e tornando invisível e inaudível tantos corpos e tantas vozes, uma vez que “toda voz emana de um corpo (...) que permanece visível e palpável enquanto ela é audível” (Zumathor, 1993, p. 241).

É tomando essas energias vocais das humanidades<sup>7</sup> como ponto de partida que este texto pretende fazer ressoar vozes e imaginar gestos mínimos (LATOURE, 2020) que reativem e movimentem, no campo da educação, narrativas outras que não as globalizantes, utilitaristas e “maquinizantes”. Imaginar gestos mínimos de resistência política e de recuperação de um “comum” (ou de lembrança de uma memória comum) passa pelo desejo de alargar fissuras na estrutura civilizada de humanos muito-humanos e reativar certas práticas marginalizadas e desqualificadas pelo mundo moderno-capitalista. Re-imaginar, re-criar, co-criar paisagens com seres mais-que-humanos, não-humanos.

### **Corpos-palavras ou *Pedras que cantam*<sup>8</sup>**

A paixão de dizer/2

Esse homem, ou mulher, está grávido de muita gente. Gente que sai por seus poros. Assim mostram, em figuras de barro, os índios do Novo México: o narrador, o que conta a memória coletiva, está todo brotado de pessoinhas (Galeano, 2017, p. 13).

Ainda sobre sonhos e temporalidades, damos início a essa seção fazendo um convite a colocarmos em suspeição as formas recorrentes de vermos e falarmos das práticas educativas rompendo, assim, com as lógicas fundadas e fundantes que debatemos anteriormente. Krenak, no seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), nos fala dos sonhos como um lugar, uma prática, uma instituição que é percebida em diferentes culturas e povos “não como experiência cotidiana de dormir e sonhar, mas como exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as nossas escolhas diárias” (Krenak, 2019, p. 51-52). Partindo dessa perspectiva ameríndia a respeito do sonho, entendemos que o tempo do sonho - esse sonho que fabula um mundo e um povo por vir - não é o tempo da história, mas o tempo do devir (Deleuze; Guattari, 1995-1997). Assim, desde a temporalidade devir, abrimos espaço para a fabulação no campo da educação. E fabular (n)a educação, acreditamos, é muito mais do que contar a história<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> O pequeno gesto de colocar sob rasura o conceito de humanidade ressignificando-o desde o seu plural é inspirado por Ailton Krenak (2019), o que marca o nosso posicionamento diante da multiplicidade, abarcando, nesta narrativa, os sem-lugar na estrutura civilizatória predominante. De acordo com o autor, insistimos em nos tornarmos, mantermos e sermos uma civilização que, descolada da terra, se aliena no exercício de ser. Ser em liberdade, em potência, em criatividade e inventividade.

<sup>8</sup> Além de fazer referência à escuta dos não-humanos como possibilidade e potência, esse trecho em itálico é também o título de uma canção do compositor cearense Raimundo Fagner, de álbum homônimo, lançado em 1991.

<sup>9</sup> Em *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari (1995-1997), tratam a história não como a experiência, mas o conjunto de condições de uma experiência e de um acontecimento que têm lugar fora da história. A história é, assim, a sucessão de efeitos de uma experiência ou acontecimento. Ou seja, o contínuo, o *chrónos*, as contradições, as maiorias, as condições e os efeitos dizem da história.

Inspiradas pela Pedagogia das Encruzilhadas, cunhada por Luiz Rufino (2019), trazemos para essa escrita a palavra e o corpo (campo produtor de discursos verbais e não verbais) para pensarmos e falarmos desses saberes que não são apreendidos pela lógica homogeneizadora do colonialismo ocidental. É margeando uma educação desencarnada, que se dá em instituições que não nos são desconhecidas e que muito nos marcaram, que evocamos vitalidade, corpo, peso, calor, volume e movimento no campo da educação. A ruptura com as ordens discursivas traz consigo a força e a potência do corpo-palavra, da palavra-corpo, da palavra-gesto, do pensamento-grito, dando lugar para uma educação encarnada, incorporada, relacional.

[...] *Apenas o povo das Jiboias não foi atingido, sempre avisando os índios com a sua matraca. Os Munduruku e os outros animais, por sua vez, adoraram ter conseguido a noite de volta [...].*

Como incorporar essas epistemologias memoráveis, de povos originários - que seguem (se) transformando, criando e originando - numa prática que deseja desconservar e entoar porvires? Como chamar a produzirem-se, no agora, futuros possíveis a partir da reinvenção da memória, da reinvenção da história? Um caminho a ser traçado passa por restaurar a própria ideia de história, quando pensamos em educação. Os sentidos já circulantes e cristalizados sobre história e histórias cristalizam também posições, calando as histórias menores que querem soar nas e das brechas. O que é ouvir a história da montanha, das árvores, das águas, numa prática pedagógica? Dar vida ao que nos acostumamos a inanimar é, também, escutar. Quando, junto a uma criança, buscamos escutar essas histórias menores, de repente até um monte de areia cria um enredo. Quando fazer um pão reativa em nós os fazeres de pão que vieram antes, sovados por mãos que construíram mundos, podemos ouvir essas histórias e dar vez a elas, fazê-las fermentar e crescer, ou esse momento pode seguir sendo um fazer que uma máquina especializada faria melhor do que nós. Quando um toco de madeira vira um trem ou uma mesa ou um leão ou uma pessoa, essas são historinhas de criança ou é o próprio ouvir e narrar que estão buscando delinear-se ali?

O que acontece quando damos ouvidos a essas histórias e seguimos buscando auscultar o que cada coisa sussurra? E em que tem implicado só chamar de história o que julgamos ter acontecido *de verdade*, contado por alguém que *sabe*, afinal, *iluminado* pela razão? Explicar quais são as estações do ano, que a cor do céu é azul - e não, não!, rosa não, amarelo não, está errado, amarelo é o sol -, explicar que se deve lavar as mãos porque tem micróbios ali ou que tem que fechar a torneira porque temos-que-cuidar-do-planeta... essas histórias *contam* mais? As grandes narrativas, as histórias oficiais, as histórias menores...quais são mesmo as historinhas pra boi dormir?

Tem uma história antiga do povo Krenak que diz que o Criador deixou uma humanidade aqui na Terra e foi para algum outro lugar do cosmos. Um dia ele se lembrou de nós e disse: “Ah, eu deixei minhas criaturas lá na Terra, preciso ver o que eles se tornaram”. Mas, enquanto fazia esse movimento incrível de vir até aqui nos ver, ele pensou: “E se eles tiverem se tornado algo pior do que eu posso conceber? O melhor seria não ter um encontro pessoal com eles. Vou

fazer o seguinte: vou me transformar em uma outra criatura para ver as minhas criaturas”. Ele se transformou num tamanduá e saiu pela campina. Em certo momento, um grupo de caçadores, munidos de bordunas e laços, se encostaram numa paisagem, avançaram sobre ele, o prenderam e levaram pro acampamento com a intenção óbvia de comê-lo. Duas crianças gêmeas, que observavam a cena, evitaram que ele fosse levado para a fogueira. Ele então se revelou para os meninos, que, antes que os adultos descobrissem, acobertaram a sua fuga. Do alto de uma colina, os meninos gritaram: “Avô, o que você achou da gente, das suas criaturas?”. E Deus respondeu: “Mais ou menos” (Krenak, 2020, pp. 40-41).

Uma pergunta é mais um pedido de resposta ou um convite para ouvir-contar uma história? O brinquedo cai da mão ou *ah! fugiu*? Quando eu me escondo com as mãos e apareço em seguida, é porque ainda não percebi que você está me vendo ou é porque insisto no mistério, porque insisto em fabular, em (me) encantar mais uma vez? Os desenhos se rabiscam num propósito de representar figuras ou de esboçar enredos? Quando uma criança caminha e se interessa não por chegar, mas nas pedras que vai encontrando, ou no tronco atravessado que a chuva derrubou, na borboleta que atravessou ou num besouro que insiste em se desvirar, é de encantamento que dizem essas vozes em devir. A temporalidade cronológica e as trajetórias em linha reta aligeiram-se, precipitam-se a chegar. O caminho passa a ser somente o que há de ser transposto, *ultrapassado* e, nesse sentido, os processos, o *entre* e os desvios não convêm, não parecem *funcionais*. Quantas janelas abertas costumamos fechar ao enlevo, à criação, à invenção, às vozes que instam, que tateiam - e (re)criam - o mundo?

Um fotógrafo-artista me disse uma vez: veja que o pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balança nem com barômetro etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós (Barros, 2008, p. 109).

Enquanto educadoras(es), costumamos acreditar na história de que nosso papel é conduzir ao maravilhoso mundo da razão as crianças que *ainda não* sabem, *ainda não* ordenam, classificam nem categorizam o mundo – *aristotelicamente*. Assim como os limites artificialmente criados para a análise e controle das coisas e seres, solidificam-se as histórias-argilas que as crianças modelam: o calor de suas mãos e a flexibilidade de seus corpos e existências agregam maciez ao mundo, voltam a esculpir o que parecia pronto, recontam – alterando – as histórias do mundo. Mas seguimos acreditando que o papel da educação é contar a história *verdadeira*, a história *real*, jogando água fria no barro para que permaneça da forma *certa*. Duros os corpos, ressecados os pensares, estancadas as fabulações, mas *iluminados* pela razão. A memória de tempos imemoráveis é embaçada pelo lembrar que urge: esses bichos aí que voam são as aves; casa começa com “c”; “meio ambiente” é aquilo de que se precisa cuidar não jogando lixo no chão; as estações do ano são 4; os seres vivos nascem, crescem, reproduzem-se e morrem.

Esse positivismo lógico, podemos afirmar, é reproduzido no campo da

educação desde a primeira infância através dos nossos gestos e fazeres, dos nossos corpos e roupas, histórias que contamos ou deixamos de contar, relações entre humanos e não-humanos que construímos (ou não). Estamos a todo momento dizendo como devemos estar, ser e nos relacionar *nesta* Terra. Nunca – devir, transitar, criar comuns – *com* a Terra e *com* os outros seres. Desde muito cedo somos capturados por essa ordem e, ainda que as crianças fabulem e rompam constantemente com as nossas instituições – virar leão, conversar com a formiga, desver a pedra, comer o inimaginável, ser amigo/a de um galho, desvendar memórias e histórias, contar causos e conversas (quase) incompreensíveis e inacreditáveis para nós, adultos muito adultos –, vamos moldando, formatando, corpos, pensamentos e mundos. Arriscamos dizer que, à medida que a criança cresce, contribuímos para que seu potencial fabulador esmoreça e atrofie. Ou seja, vamos criando cercamentos e capturando o “comum” de modo que não tenhamos mais corpo, espírito e mente disponíveis para experimentar o real e devir-outrem.

Em alguns casarios perdidos nos Andes, quem tem memórias se lembra de quando o céu estava montado sobre o mundo. Tínhamos o céu tão em cima de nós que as pessoas andavam agachadas e não conseguiam endereçar-se sem dar uma cabeçada. As aves levantavam voo e ao primeiro bater de asas se chocavam contra o teto. A águia e o condor arremetiam com todo seu ímpeto, mas o céu não lhes dava atenção. O tempo do achatamento do mundo terminou quando um relampaguinho bailador abriu caminho através do pouco ar que havia. O colibri picou os fundilhos do céu com seu bico de agulha e as bicadas o obrigaram a subir e subir e subir até as alturas onde está agora. A águia e o condor, aves poderosas, simbolizam força e vôo. Mas foi o menorzinho dos pássaros quem liberou a terra do peso do céu (Galeano, 2004, p. 115, tradução livre do espanhol).

O peso que curva nossos ombros, cansados e desencantados, embora imaterial, relaciona-se com a necessidade de solidez que impomos às experiências, até que sejam pautadas pela *objetividade* dos fatos. A gente que *anda falando de lado e olhando pro chão*, os adultos muito adultos, tropeçam nas histórias supondo serem somente pedras no caminho – obstruções inconvenientes no caminho em linha reta até o mundo iluminado da razão e da lógica. As crianças-colibris insistentemente empurram o céu mais uma vez com o mundo em aberto que demandam, com suas perspectivas invertidas de ser abelha, herói, coelho, sereia. *Experimentantes*, perguntam o mundo mais que o explicam, dando chances ao deixar de ser, brincando com exatidões, desfazendo o infalível, retificando futuros e realidades unívocas.

(...) conhecer não é mais um modo de representar o desconhecido, mas de interagir com ele, isto é, um modo de criar antes que um modo de contemplar, de refletir ou de comunicar (D & G. 1991). A tarefa do conhecimento deixa de ser a de unificar o diverso sob a representação, passando a ser a de “multiplicar o número de agências que povoam o mundo” (Latour 1996a) (Viveiros de castro, 2018, p. 111-112)

E, ao invés de expandirmos e voarmos tal qual as crianças-colibris, ao invés de devir-criança, seguimos dormindo muito e sonhando com nós mesmos. Não

conseguimos sair dessa humanidade de humanos muito-humanos, desse sonho branco incapaz de criar e inventar mundos outros. Mas acordar é questão de tempo. Como nos ensina Krenak, já estamos em queda, já caímos, não podemos mais evitar. “Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos” (Krenak, 2019, p. 30). Os paraquedas devem ser leves e diversos, diferentes, múltiplos. Devem romper com o fluxo contínuo posto pela estrutura civilizatória. Devem barrar os ventos que nos levam para os mesmos lugares e, assim, fazer sobreviver as narrativas dos quase-humanos, dos sub-humanos e dos não-humanos, bem como as suas perspectivas, pensamentos e imaginações.

Estas histórias menores fazem-contar enquanto as grandes narrativas tantas vezes silenciam, fazem-calar os desvios, não têm tempo nem abrem espaço para escutar o que fabulam os sub-humanos, os quase-humanos, os não-humanos - o que dizem os miúdos, os rios, os tocos de madeira, os pingos de sol nos couros de lagartos. Contar e ouvir fabulando a história que as coisas contam, (re)inventando as memórias, nessa perspectiva, requer e produz devires. Requer devires no sentido de convidar a dar ouvidos, a estar na experiência atravessado pelo encontro, pelo instante – instante esse que tem um tempo ampliado, carrega em si passados e possíveis futuros –, requer descerrar o corpo, dar corpo ao que quer ser enunciado; produz devires por inaugurar pedagogias outras, outros educadores-educandos (Freire, 1987), outras referências éticas, outros possíveis. É arriscar subverter importâncias e aparelhar encantamentos. Transformando memórias, recriam tradições e heterotopias (Paraíso, 2018), deslocam probabilidades.

Eu estou interessado é na caminhada que fazemos aqui, na busca de uma espécie de equilíbrio entre o nosso mover-se na Terra e a constante criação do mundo. Pois a criação do mundo não foi um evento como o Big Bang, mas é algo que acontece a cada momento, aqui e agora (Krenak, 2020, p. 69).

## **Contar mais uma história ou Adiar o fim do mundo**

*O comprador de sonhos<sup>10</sup>*

*Agapito era um índio mexicano, camponês sem terra, pastor de ovelhas sem ovelhas. Isso fazia dele um peão. Para não morrer de fome, Agapito desceu a sierra mexicana, um lugar de terra árida, e foi trabalhar como peão numa plantação de cacau. Durante três anos cuidou das árvores e colheu seus frutos. Mas não gostava daquele lugar, queria voltar para casa. Para ter coragem, pensava no momento em que retornaria para a sierra e todos celebrariam seu retorno. Toda a aldeia estaria feliz. Ele tinha vontade de ser feliz! Ao final de três longos anos recebeu o seu salário. Um homem acostumado aos grandes cálculos foi descontando aluguel, comida, negligências, material de trabalho e, ao final, Agapito tinha em mãos três centavos em moedas de cobre. À noite chegou à pequena cidade próxima da plantação. Lá era tudo muito bonito e iluminado. Mas precisava pensar nas suas despesas de viagem. Afinal, tinha muito chão pela frente. Perto de onde estava havia uma vitrine de flores de*

---

<sup>10</sup> História (adaptada por nós) presente no livro *O ofício do contador de histórias* (2009, pp. 11-17), de Gislayne Avelar Matos e Inno Sorsy.

*açúcar impressionantemente lindas. Ficou impressionado. Um centavo de cobre cada uma. Decidido, comprou uma para a pequena Panchita, a deslumbrante filha da vizinha. Pouco a pouco a cidade foi dormir e Agapito tinha muita fome, mas preferiu deixar para comer no dia seguinte antes da caminhada. Um barulho de água levou-o até uma fonte pública, onde avistou um homem que segurava uma tigela vazia. Agapito o ajudou a beber água, ele parecia muito doente. Logo Agapito entendeu que o que o homem tinha era fome, e comprou para ele uma farta porção de tortilhas. Começaram a conversar, Agapito contou que era Maia, o homem, pueblo. Trocaram histórias e Agapito contou que não era feliz, queria voltar para casa, mas que na sua terra não havia o que comer. O homem, neste momento, tirou do bolso uma coisa muito pequena e lhe disse “Dê-me sua mão. Este é um presente para você... A felicidade, talvez... mas eu não sei.” E entregou a Agapito uma semente redonda da cor do ouro. Agapito caminhou pela cidade e arrumou um canto para dormir. Quando acordou estava em frente a um albergue e entrou para se alimentar. Pediu sua refeição e, enquanto aguardava, um homem bem-disposto chegou contando para a servente, Chica, um sonho que tivera naquela noite: “Sonhei que uma deusa de longos cabelos negros era minha esposa. Nós morávamos bem no centro da floresta de ouro. Aquele que colhesse um galho de ouro na floresta estava livre da fome e de qualquer problema. E todas as pessoas vinham à nossa floresta. Elas colhiam braçadas de galhos de ouro e partiam felizes. E eu olhava toda aquela gente e me sentia mais feliz. Não é um belo sonho?” Agapito ouviu aquele sonho e pensou “se eu comer agora, amanhã ainda terei fome, mas se comprar esse sonho vou pensar nele hoje, amanhã e depois...” Fez uma oferta pelo sonho e o homem achou graça da proposta. Agapito se sentiu ofendido e, quando ia saindo do albergue, o homem foi atrás dele e aceitou a oferta de um centavo de moeda de cobre pelo sonho. O sonho agora era de Agapito, ele mal podia acreditar. Chica preparou uma cesta repleta de comida e pediu que Agapito passasse na aldeia em que morava sua mãe e contasse aquele belo sonho a ela. Agapito achou aquilo muito estranho, mas aceitou o pedido de coração. Assim, conforme Agapito ia passando pelas aldeias, ia contando seu sonho, juntando todos à sua volta para ouvi-lo. Mudou sua rota diversas vezes para atender o pedido de contar seu sonho em outro lugar. Um dia, finalmente chegou ao seu próprio vilarejo. Logo na entrada viu uma bela moça, era Panchita. Entregou a flor de açúcar vermelho que havia comprado para ela. Todas as crianças correram para anunciar a sua chegada na aldeia. Agapito contou seu sonho a todos. Panchita, com os olhos brilhantes, perguntou: “Você trouxe as sementes das quais nascerá a floresta?”. Ao que Agapito mostrou a semente que guardava em seu bolso. Todos ficaram surpresos. Uma senhora idosa abaixou-se e examinou a semente: “É um grão d’ixium, o milho. Mas essa felicidade não é para nós. Há muito tempo, um homem do vilarejo matou um ganso selvagem que era mensageiro da grande deusa do milho. Ela se irritou e proibiu o milho de brotar em nossas terras.” Mesmo ouvindo essa história, animados pensando que algo poderia ter mudado, plantaram a semente. Numa manhã de outono, quando Agapito saiu de casa, viu gansos selvagens voando bem alto no céu. Era sinal de boa colheita. Agapito correu até os campos e lá havia uma bela floresta: o milho amadurecera e, de tão bonito, de tão maduro, parecia de ouro. E, no meio daquela floresta dourada, Panchita dançava com os cabelos soltos ao vento. E, de tão bela, parecia uma deusa.*

Como têm vivido - em sonho, entre sonhos, acordados, em vigília, em insônias



sem fim - humanos e não-humanos que possuem perspectivas outras sobre a existência? O que eles têm nos contado e mostrado que não temos dado a ouvir e a ver? Como nos relacionamos com esses devires-outrem? O que é estar em meio a outros modos de existência e ser afetado, para além de passar informações e informar sobre? Conhecemos a potência de um sonho que fabula um povo por vir? Como já salientamos, vivemos numa civilização de humanos muito humanos que segue há séculos sufocando em todo o mundo o que subsiste de outras culturas e outros seres. Uma civilização que tenta, incessantemente, impor um modelo de sociedade que homogeneiza narrativas, corpos, vozes, povos - indígenas, afrodescendentes, caiçaras, camponeses, crianças e muitos outros seres.

O que defendemos neste texto é que criemos linhas de fuga que rompam com a ideia de um mundo comum, unívoco, tão presente nos discursos educativos, nos currículos escolares e, sobretudo, na nossa própria subjetividade. Fabular um povo por vir, sonhar um comum por vir é, também, descolonizar neste hoje nossos pensamentos, nossas práticas e, sobretudo, nossos afetos, no sentido de torná-los próprios *e comuns*, singulares *e* plurais. Em outras palavras, acreditamos que um dos caminhos possíveis para a descolonização seja povoar e deixar ser povoado pelos devires-outrem, o que inclui a possibilidade das próprias crianças passarem pelo devir-criança, os próprios indígenas passarem pelo devir-índio, os caiçaras pelo devir-caiçara, as mulheres pelo devir-mulher, o educador pelo devir-educador etc. Esse chamado de devir é um chamado para entrarmos em contato com o outro do outro. Afinal, o que é entrar em comunicação com o que há em nós de planta, bicho, floresta, água, indígena, africano, criança, mulher? Aqui seguimos outra pista: tornar-se passagem, estar em processo, entender-se inacabado, encontrar, descolonizar-se.

Este é, portanto, um chamado ao devir-educador, de modo a abriremos nossos poros e nos vestirmos da coragem necessária para mantermos viva a nossa capacidade de afetar e ser afetados, fazendo emergir os corpos, as performances, as vozes e as vidas que se encontram à sombra de uma educação eurocêntrica, uniformizante e que tem feito ouvidos de mercador aos encantos, (des)memórias, possibilidades, coordenações históricas e histórias outras, menores. Dar corpo às vozes e dar vozes a corpos menores, transver o tempo e reinventar o espaço, recriar a história em *histórias* pode reativar em nós, educadoras e educadores, fios que tecem mundos, em improváveis fabulações. E, assim, incorporar nas nossas práticas, narrativas e reflexões de vozes multiespécies e decoloniais, de modo a remundiarmos, criarmos mundo de outra maneira, capaz de subverter esta crise civilizatória contemporânea.

## Referencias

Barros, M. de (2008). Memórias Inventadas. São Paulo: Planeta..

Cacopado, A. (2018) "Nada sería posible si la gente no deseara lo imposible". Entrevista a Silvia Rivera Cusicanqui. *Andamios*, México, v. 15, n. 37, p. 179-193, agosto. Disponível em: <[http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S187000632018000200179&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S187000632018000200179&lng=es&nrm=iso)> Acesso em maio de 2021.

- Danowski, D.; Viveiros de Castro, E. (2017) Há um mundo porvir? Ensaio sobre os medos e os fins. 2a ed. Desterro (Florianópolis). Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental.
- Deleuze, G. (1993) Crítica e Clínica. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G.; Guattari, F. (1995) Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1-5. São Paulo: Editora 34, a.
- Freire, P. Pedagogia do Oprimido. (1987) 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Galeano, E. (2004) Bocas del tiempo. 1. ed. Buenos Aires : Catálogos.
- Galeano, E. (2017). O livro dos abraços. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM.
- Godoy, A. (2008) A menor das ecologias. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Guattari, F. y Olnik, S. (1996) Micropolítica: cartografias do desejo. 4 ed. Petrópolis: Vozes.
- Kohan, W. O. (2004) A infância da educação: o conceito devir-criança. In: Kohan, W. (org.). Lugares da infância: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, p. 51-68.
- Kopenawa, D; Bruce, A. (2015) A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Trad. Beatriz Perrone-Moisés: São Paulo: Companhia das letras.
- Krenak, A. (1992) Antes, o mundo não existia. En.: *NOVAES*, Adauto. Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras, , p. 201-204.
- Krenak, A. (2019) Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020) A vida não é útil. Pesquisa e organização Rita Carelli. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Larrosa, J. (2002) Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas, n. 19, p. 20-28.
- Latour, B. (2012) Regregando o Social: Uma introdução à Teoria do Ator-Rede, trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/ Bauru: Edufba/ Edusc.
- Latour, B. (2020) Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo/ Rio de Janeiro: Ubu Editora/ Ateliê de Humanidades Editorial.
- Matos, G. A. & Sorsy, I. (2009) O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Munduruku, D. (2001) As serpentes que roubaram a noite: e outros mitos. São Paulo: Peirópolis.
- Paraíso, M. A. (2018) Currículo, gênero e heterotopias em tempos do slogan “ideologia de gênero”. In: Lopes, A. C.; Oliveira, A. L.; Oliveira, G. G. S. de (Orgs.). Os gêneros da escola e o (im)possível silenciamento da diferença no currículo. Recife: Ed. UFPE.

- Rivera Cusicanqui, S. (2010) *Ch'ixinakax utxiwa* : una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. 1a ed. Buenos Aires : Tinta Limón.
- Rufino, L. (2019) *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial.
- Stengers, I. (2015) *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo: Cosac Naify.
- Stigger, V. (2015) *Onde a Onça bebe água: a partir da obra de Eduardo Viveiros de Castro*. São Paulo: Cosac Naify.
- Tsing, A. L. (2019) *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas.
- Viveiros de Castro, E. (2018) *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify.
- Zumathor, P. (1993) *A Letra e a Voz*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Zumathor, P. (2018) *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.